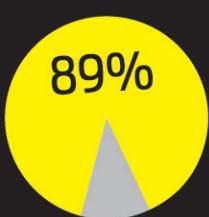


RIO DE JANEIRO

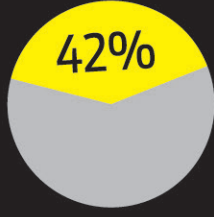


ARTE KIKO

89% das vítimas são mães. Do total de **116 mulheres** analisadas, **45 têm filhos**, **10 não têm** e **61 não informaram**



42% das vítimas tiveram uma relação anterior com os acusados, **40%** eram casadas ou viviam em união estável



As **116 vítimas** da pesquisa têm idades entre **21 e 40 anos**;

40% dos autores têm entre **31 e 40 anos**

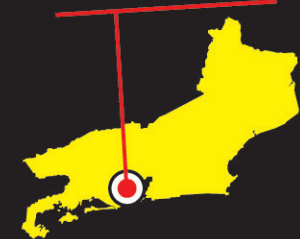
44% do total de crimes de feminicídio foram praticados com facas e **17%** com armas de fogo



73% dos crimes ocorreram em período de descanso ou na residência da vítima

Em **55%** dos casos há histórico de violência doméstica

75 casos aconteceram na capital fluminense, sendo **60%** na Zona Oeste, **29%** na Zona Norte, **7%** na Região Central e **4%** na Zona Sul



Intervalo entre o fim do relacionamento e o ataque pode ser de **24 horas** a **18 meses**

Uma a cada três agressões é atribuída a não aceitação do término do relacionamento



Um relatório da Defensoria Pública do Rio escancara uma realidade que boa parte da sociedade ainda evita encarar. Uma análise de 107 processos de tentativa de feminicídio ou feminicídio consumado apontou que, das 116 vítimas que listam a pesquisa, 89% delas são ou eram mães de crianças e adolescentes com idades entre 2 meses e 17 anos. Dos perfis analisados, de mulheres com idades entre 21 e 40 anos, 45 delas têm filhos, 10 não possuem e 61 não informaram. Além disso, 40% das vítimas eram casadas ou viviam em união estável, e 42% delas tiveram uma relação anterior com os acusados.

Quase todas as vítimas foram submetidas a episódios anteriores de violência doméstica. As agressões ocorrem em momentos e locais em que elas se encontram mais vulneráveis. Segundo o estudo, aproximadamente 73% dos crimes ocorreram em período de descanso, e a incidência é a mesma para os casos registrados na residência da vítima, ainda que ela não morasse com o agressor.

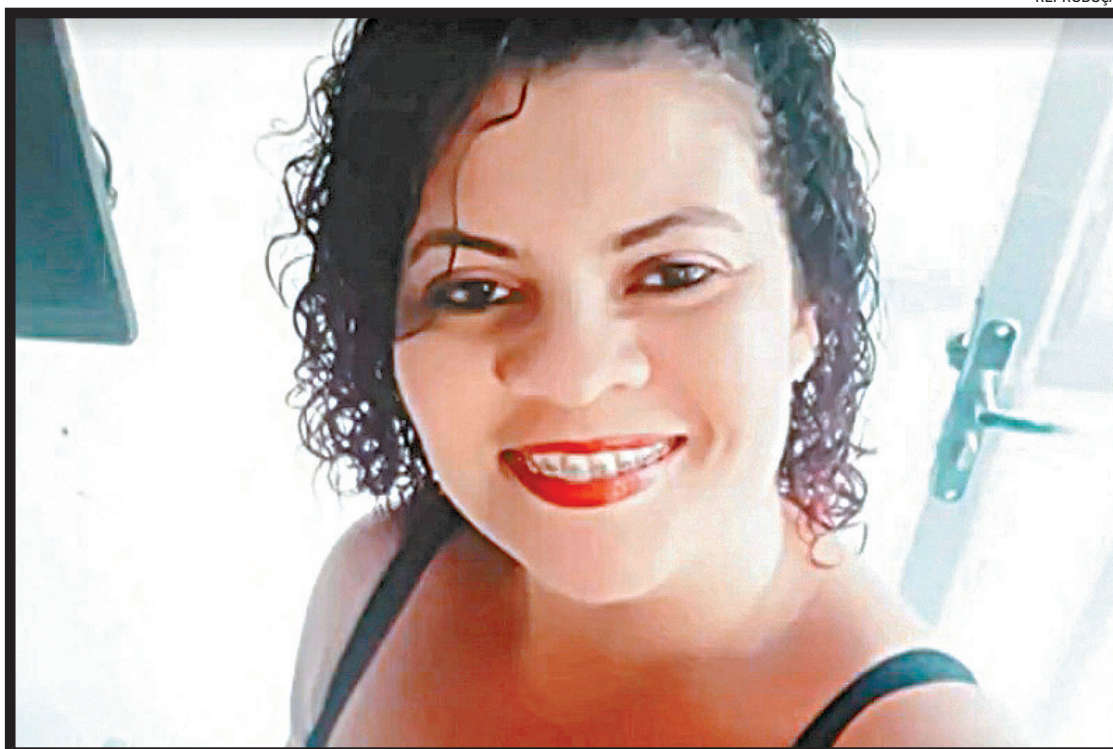
O estudo mostrou, ainda, que dos autores dos crimes, 40% têm idades entre 31 e 40 anos e, em 44% dos atos, são utilizadas facas e 17%, armas de fogo. Também segundo o relatório, uma em cada três agressões é atribuída à dificuldade em aceitar o fim do relacionamento. Outros motivos são ciúmes, discussões, vingança - inclusive por prestar queixa de crime anterior - gravidez e recusa da mulher em ter relação sexual.

“A pesquisa revela que, em 55% dos casos analisados, há relato de violência doméstica anterior. No entanto, as vítimas deixaram de formalizar o registro em razão de medo ou coação praticada pelo réu”, explica a coordenadora de Defesa dos Direitos da Mulher, Flavia Nascimento.

A pesquisa mostra também que a maioria dos crimes - 75 deles - aconteceu na capital fluminense, e que as zonas Oeste e Norte têm o maior número de registros, representando 60% e 29% dos casos, respectivamente. O registro de ocorrências na Região Central é de 7%, e 4% na Zona Sul. O tempo de relacionamento do casal não é fator determinante para a violência, segundo os dados, que analisaram que algumas relações tinham apenas um mês antes do crime; já outras, décadas de duração. O tempo entre o fim do relaciona-

RETRATO BRUTAL

Pesquisa mostra sem retoques o quadro da violência contra mulheres, a maioria mães indefesas na própria casa



REPRODUÇÃO

Ely Arêas, 42 anos, levou 12 facadas, em Nova Iguaçu. O acusado é o ex-marido, de quem ela havia se separado por causa da violência

mento e o ataque pode ser de 24 horas a 18 meses. Ainda que a Lei do Feminicídio tenha qualificado a prática do homicídio quando a vítima é mulher e os motivos do crime tenham relação com essa condição, em alguns processos as denúncias não consideram a tipificação.

Reportagem da estagiária **Raquel Siston**, sob supervisão de **Gustavo Ribeiro**

Na página 5, 'Lugar de mulher é onde ela quiser'



As vítimas deixaram de formalizar o registro (de violência anterior) por medo ou coação

FLAVIA NASCIMENTO, DP-RJ

SOBREVIVENTE

Rotina de medo: mulher leva 12 facadas

► “Os números mostram que, passados quase cinco anos da Lei (do Feminicídio), muitos casos ainda são denunciados como homicídio. Trazer à luz um levantamento como esse (da Defensoria Pública) é um passo importante para combater a violência de gênero, em especial no ambiente doméstico”, afirma Flavia Nascimento, coordenadora de Defesa dos Direitos da Mulher da Defensoria.

Um caso recente, que infelizmente ilustra bem o raio-x traçado pela pesquisa, foi o de Ely Arêas, 42 anos. Moradoras de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, ele levou 12 facadas, quando estava sozinha em casa, no bairro Jardim Nova Era, no último sábado, 29 de fevereiro.

A família de Ely acusa o ex-marido da vítima, Pedro Silva, com quem a vítima tem duas filhas e estava separada após 22 anos de casamento. De acordo com a prefeitura da cidade, Ely está internada no Hospital Geral de Nova Iguaçu e seu quadro de saúde é considerado grave.

Segundo a família de Ely, o comportamento violento do ex-marido é que a teria levado a decidir pela separação.

Ainda de acordo com parentes da mulher, após cometer o crime, Pedro Silva teria ligado para o irmão de Ely, dizendo que a havia matado.

Ela resistiu, mas as marcas da violência brutal ficaram por todo o rosto, além de perfurações no pescoço, nos pulmões, tórax e nas costas.

O suspeito está foragido. Procurada, a Polícia Civil ainda não se manifestou sobre o caso.